

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A MIGRAÇÃO DO ENSINO PARA O FORMATO NÃO PRESENCIAL COMO UM CENÁRIO DE DESAFIOS E POSSIBILIDADES

EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: THE MIGRATION OF TEACHING TO THE NON-PRESENTIAL FORMAT AS A SCENARIO OF CHALLENGES AND POSSIBILITIES

Taís Steffenello Ghisleni¹, Carlos Henrique da Costa Barreto² e Elsbeth Léia Spode Becker³

RESUMO

Este é um trabalho situado na temática de ensino em tempos da pandemia da Covid-2019, um cenário em que a acelerada progressão da doença somada às medidas sanitárias de isolamento e distanciamento social culminaram - no meio educacional - em uma repentina migração da educação tradicional presencial para o alternativo formato não presencial de ensino mediado pela tecnologia. Para análise, tomamos esse contexto e o apresentamos numa visão bilateral onde tanto se apresentam desafios a serem superados quanto oportunidades a serem exploradas, dentro do meio educacional. É um estudo de natureza qualitativa e nosso objetivo foi refletir sobre a migração das metodologias do ensino tradicional para o ensino em formato não presencial diante desta dualidade. Para tanto, nos especificamos em descrever os dois modelos que se destacam desse formato (EAD e ERE), traçar seu panorama de desafios e, ainda, descrever as possibilidades mediadas pela tecnologia. Como resultados, temos o fator de resistência e evasão dos alunos como o principal obstáculo na execução plena do formato não presencial e, logo de encontro, resgatamos o conceito das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) como proposta para dinamizar essas dinâmicas e ressignificar o aprendizado em tempos de pandemia - o que completa a dualidade de nossa visão como possibilidades positivas para alunos e professores.

Palavras-chave: Ensino, Tecnologia, Covid-2019.

ABSTRACT

This is a work based on the teaching theme in times of the Covid-2019 pandemic, a scenario in which the accelerated progression of the disease added to the sanitary measures of isolation and social detachment culminated - in the educational environment - in a sudden migration of the traditional classroom education to the alternative non-classroom format of teaching mediated by technology. For analysis, we take this context and present it in a bilateral view where there are both challenges to be overcome and opportunities to be explored, within the educational environment. It is a qualitative study and our objective was to reflect on the migration of methodologies from traditional teaching to teaching in a non-classroom format in the face of this duality. For this, we specify ourselves to describe the two models that stand out from this format (EAD and ERE), outline their panorama of challenges and, still, descriptions as possibilities mediated by technology. As a result, we have the factor of resistance and evasion of students as the main obstacle in the full implementation

² Professora na Universidade Franciscana (Santa Maria, RS), nos cursos de Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, e graduação em Publicidade e Propaganda. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre em Engenharia de Produção (UFSM), Especialista em Ciência do Movimento Humano (UFSM), e Bacharel em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda (UNIJUÍ). Pesquisador Líder no Grupo de Pesquisa CNPq: Mídia e Processos Sócio-Culturais. E-mail: taisghisleni@yahoo.com.br

³ Aluno do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Franciscana. Bolsista Fapergs. E-mail: carloshcb123@gmail.com

⁴ Professora na Universidade Franciscana (Santa Maria, RS), no curso de Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, e graduação em Geografia. Doutora em Agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

of the non-classroom format and, right away, we rescued the concept of Information and Communication Technologies (ICTs) as a proposal to boost these dynamics and resignify learning in times of pandemic - which completes the duality of our vision as positive possibilities for students and teachers.

Keywords: *Teaching, Technology, Covid-2019.*

INTRODUÇÃO

Conforme Gonzatto *et al.* (2020), nos séculos anteriores os sistemas em geral eram mais precários, e muitas doenças já foram capazes de abalar impérios, alterar modelos sociais, redesenhar cidades e, sobretudo, favorecer mudanças de comportamentos. Em uma reflexão com a Covid-2019 relacionada a este trabalho, podemos destacar como a dimensão desta crise - até então inédita - deverá trazer mudanças tanto culturais quanto práticas em nosso estilo de vida tanto, assim estimulando o desempenho de atividades à distância uma vez dadas as medidas de isolamento. Em vista disso, Filho (2020, p. 51) acrescenta que “as pessoas estão a adaptar-se a um contexto instável e de mudança, e estão a tomar decisões diferentes das habituais.”

O Covid-2019 faz-nos confrontar com uma situação complexa: não está em causa uma mera operação material, assente em critérios técnicos; não está apenas em causa o cumprimento ou não cumprimento de uma norma habilitante [...] O ponto de partida para a construção de uma esfera de risco/ responsabilidade terá de ser então encontrado numa posição de soberania animada por uma ideia de cuidado com o outro, por ser a salvaguarda da vida e da saúde dos cidadãos [...] (ROSENVALD *et al.*, 2020, p. 42).

Em sequência, é considerando as colocações sanitárias de saúde que entramos no tema geral deste trabalho: o ensino e a educação durante a pandemia da Covid-2019. Já de início, podemos observar que as primeiras mudanças desse cenário surgem em priorização da segurança. Enquanto algumas instituições de ensino infelizmente tiveram de recorrer a uma suspensão prolongada - ou até integral - do semestre letivo devido à intensidade da doença somada à questões infra estruturais (FEDERAL, 2020), outras puderam optar por modificar a tradicional metodologia de aulas presenciais para exercê-las em alternativos modelos de ensino não presencial mediado pela tecnologia.

No entanto, a velocidade de propagação da Covid-2019 em nosso país foi tão rápida que a migração metodológica não dispôs de um tempo hábil suficiente para um planejamento de implementação plenamente eficaz e abrangente, tendo sido testada e sentida na prática pelas instituições de ensino que a adotaram. Por isso, considerando ainda em maioria no Brasil o número de estudantes já “naturalizados” com o sistema presencial (FALAUNIVERSIDADES, 2020), fica evidente o quanto uma repentina mudança de paradigmas levantou dúvidas e desafios - principalmente de adaptação - para os atores do meio educacional, alunos e professores.

Por conseguinte, este trabalho tem como temática a educação em tempos de pandemia, cenário surgido em decorrência do surto de Covid-2019 que afetou e modificou a maioria de nossos aspectos

sociais em todas as suas áreas em função das medidas de isolamento (FARIAS, 2020). Consideramos as mudanças implicadas da suspensão do predominante ensino presencial para diferentes modelos mediados pelo digital e viabilizado pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), onde se destacam o conhecido Ensino à Distância (EAD) e o recente Ensino Remoto Emergencial (ERE). De seguimento, chegamos na problemática de responder “como o meio educacional é afetado pela mudança de paradigmas em função do distanciamento social” considerando uma bilateralidade na mudança das metodologias tradicionais para estes multiformatos à fim de se reorganizar - e ressignificar, também - o aprendizado em tempos de pandemia.

Ademais, este trabalho propriamente tem como objetivo geral estabelecer uma visão sobre a migração das metodologias do ensino tradicional para o ensino em formato não presencial diante de um cenário com desafios e possibilidades. Para tanto, nos especificamos em discorrer sobre o funcionamento deste formato bem como de seus modelos destacados através de uma diferenciação sistemática (ERE normalmente confundido com EAD); traçar um panorama sobre os desafios sentidos pelos atores acadêmicos desta realidade onde a adaptação é um fator fundamental à se trabalhar; e por fim, resgatar o conceito das Tecnologias da Informação e da Comunicação para estabelecer um porquê de utilizar os seus multiformatos investindo-os no ensino não presencial. Em outras palavras, trata-se de uma análise em duas faces: “desafios e oportunidades” na educação em tempos de pandemia.

O ENSINO EM FORMATO NÃO PRESENCIAL

Do ano de 2020 até seu trimestre final, o cenário educacional vem enfrentado as adversidades causadas pela pandemia da Covid-2019, na qual o distanciamento social implicou no principal fator de mudança: a suspensão do ensino presencial (ARRUDA, 2020). Para trabalhar esta situação sem desrespeitar as medidas sanitárias, muitas instituições adotaram o modelo de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Como sugere o nome, trata-se de uma alternativa tomada com urgência, em situação de risco, para evitar a perda do semestre ou ano letivo, evitando também possíveis atrasos no andamento curricular ou no desenvolvimento do aprendizado cotidiano dos estudantes.

Com efeito, a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 352).

Em vista disso, este conceito vem acompanhando bastante a realidade dos estudantes durante o ano letivo. Contudo, embora a educação em formato não presencial não seja exatamente uma novidade, este pode ser um “universo” totalmente desconhecido para estudantes ou profissionais já enraizado no ensino presencial. Por isso, é comum que o Ensino Remoto normalmente seja confundido

com o EAD (Ensino à Distância), outra modalidade também estabelecida na realidade brasileira, mesmo que não em maioria como o ensino presencial (LEAL, 2020). Na sequência, expomos uma breve contextualização sobre esses modelos, bem como sua diferenciação sistemática.

Ensino a Distância - Modalidade Alternativa

As primeiras experimentações digitais do ensino em formato não presencial se deram ainda na década de 1990 por universidades americanas logo acompanhando o desenvolvimento da internet: era este o modelo de Ensino a Distância, e que até hoje vigora positivamente em diversos cursos e universidades de diferentes países, incluindo o Brasil. (FARIA; SALVADORI, 2010). No entanto, a origem dessa dinâmica é bem mais antiga: em 1728 um professor chamado Caleb Phillips, em Boston, desenvolveu um método de ensino de taquigrafia (técnicas de escrita) ministrado todo através de correspondências (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Logo, as formas de cursos por correspondência começaram a aumentar e se diversificar para capacitações em outras mesclas de teoria com prática, como datilografia, contabilidade, economia e idiomas, até se popularizar no Brasil pela mesma dinâmica (OLIVEIRA, 2019). Estes cursos, porém, eram muito mais um produto - uma série de materiais, lições por correspondências - do que propriamente o que conhecemos como aulas, além de não terem a mesma precisão de aprendizado que o EAD digital possui hoje graças à tecnologia. Entretanto, foram as primeiras trocas de conhecimento à distância entre um “interessado” e um “agente de ensino” e por isso podem ser classificados como os primeiros usos relativos ao EAD (VILAÇA, 2010).

Hoje na Era Digital, com a internet já plenamente consolidada, e com seu acesso em poder de uma grande maioria de usuários, o EAD concretiza-se em seu formato digital e assume a posição definida pelo Ministério da Educação (Decreto 5.622, art. 80 de 19.12.2005) como uma modalidade alternativa onde todas as mediações didático-pedagógicas de ensino e aprendizagem “ocorrem com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos”. Em visão educacional, já apontava Moran (2007) que o EAD busca a mesma eficácia de um ensino presencial, entretanto, na diferença de ser mediado por ferramentas - sistemas e plataformas virtuais - ligadas às TICs.

Ensino Remoto - Medida Emergencial

De seguimento, chegamos ao modelo de ensino remoto, que se tornou conhecido sob o panorama de pandemia da Covid-2019. Diferentemente do seu “primo distante” EAD, o ensino remoto, no Brasil, é bem mais atual, tendo aparecido logo nos meses iniciais da pandemia em vista da importância de se manter o ensino e a aprendizagem por meio de adaptações ao isolamento social e

viabilizações tecnológicas, conforme observam as autoras Joye, Moreira e Rocha (2020). Ainda, elas complementam que o objetivo nestas circunstâncias não é o de “recriar um novo modelo educacional, mas fornecer acesso aos conteúdos e apoios educacionais [...] a minimizar os efeitos do isolamento social nesse processo” (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020, p. 13). Por essa razão, é uma chamada medida emergencial, de onde ganha seu nome: Ensino Remoto Emergencial (ERE).

O Ministério da Educação vem publicando Portarias desde o dia 18 de março, que vêm sendo constantemente atualizadas para regular as atividades dos cenários escolares da Educação Básica e Superior, a exemplo das Portarias 343, 345, 356 e 473, suspendendo as aulas presenciais e indicando em caráter emergencial a Educação remota. Outro documento publicado foi a Medida Provisória 934 de 1 de abril de 2020 [...] determinando que a suspensão das atividades escolares presenciais fosse prorrogada pelo período de mais sessenta dias (ALVES, 2020, p. 351).

A origem desta dinâmica, no entanto, também é um pouco mais antiga para outras sociedades. A prática de ensino remoto já é bastante comum entre países e populações que possuem ou enfrentaram dificuldades no acesso ao ensino devido a situações de adversidades como conflito civil ou localizações remotas, como no Afeganistão, Bósnia-Herzegovina e Libéria (DAVIES; BENTROVATO, 2011). Além disso, instabilidades sísmicas e geográficas também são fatores que já influenciaram na utilização de ensinamentos remotos por países como a China e o Japão. Em vista disso, não é de todo correto afirmar que o ensino remoto, no Brasil, foi criado em decorrência da pandemia: seu formato já existia antes desta realidade sob outras situações, em outras sociedades; ele apenas foi adotado como medida emergencial, também, em nosso país, culminando em sua popularização entre a sociedade acadêmica e escolar.

EAD e Ensino Remoto Emergencial - Diferenças Estruturais

Conforme dito num momento anterior, existem confusões na distinção de ambos estes formatos, o que traz à muitos docentes, profissionais e órgãos educacionais - tais como o próprio MEC - a importância de salientar a ideia: o Ensino Remoto Emergencial não é a mesma coisa que o EAD. Apesar de suas semelhanças com o uso da tecnologia, existem certas diferenças estruturais nas formas e execuções das atividades. Rodrigues (2020) relembra que no EAD, todo o planejamento, de exercícios e atividades até as grades curriculares completas e execuções de aulas já é pensado desde o início para o intermédio tecnológico, à distância, bem como é elaborado por uma equipe já atuante neste meio e especializada. Já Rabello (2020) aponta que no ensino remoto, todo o planejamento seguido é o mesmo do ensino presencial tradicional, no entanto, tendo sido apenas adaptado (ou “transferido”) para uma execução pelo intermédio digital, e que todo este processo é feito - por vezes - pelos próprios professores do ensino presencial que se deparam com as situações de adaptação.

Começando pelo EAD, seu funcionamento é geralmente ancorado num Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) cujo acesso é fornecido aos alunos e professores pela instituição ou órgão gerenciador (MENDONÇA, 2016). Em razão disso, o modelo segue o chamado conceito de “sala de aula virtual” - um meio online que se utiliza do ciberespaço para promover interações de aprendizagem através de diferentes ferramentas disponibilizadas pelos professores, tais como vídeos, imagens, *ebooks*, infográficos, e ainda, fóruns de bate-papo para discussão de assuntos pertinentes às aulas (MENDONÇA, 2016). Sua principal característica, no entanto, é a possibilidade de os alunos poderem acessar livremente este ciberespaço, conforme sua disposição de tempo para avançar no andamento curricular. Em outras palavras, um ambiente onde estes alunos (os participantes) são livres para avançar de acordo com sua disponibilidade, e de sua escolha.

Percebe-se, portanto, que o ciberespaço cria possibilidades educacionais [...] sendo o AVA uma sistematização objetiva dessas possibilidades num lugar e numa duração habitáveis pelos interessados. No AVA há interações síncronas (exemplos: bate-papo, webconferências etc.) e assíncronas (exemplo: fóruns, email etc.). Em qualquer dessas formas comunicacionais, o objetivo do AVA é viabilizar encontros e promover discussões e debates entre docentes e discentes (MILL; BRITO; SILVA, 2012, p. 185).

Já no ensino remoto, todas as interações entre alunos e professores ocorrem em tempo real e dentro dos horários letivos cotidianos - tal e qual ao planejamento curricular - de forma que não é de todo presente o caráter de assincronia, mas plenamente o sincronismo digital (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020). Algumas instituições de ensino de fato possuem a dinâmica onde professores disponibilizam materiais de apoio, complementares, ou até obrigatórios, em ambientes virtuais. No entanto todas as aulas ministradas são “presenciais-digitais” por meio de videoconferências, tal como, por vezes, provas, atividades e avaliações (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020). Em vista disso, sua principal distinção do EAD é o caráter de “sala de aula remota”, adaptada a rotina domiciliar e ancorada não unicamente ao AVA, mas essencialmente em quaisquer plataformas específicas que possibilitem essa interação síncrona, em tempo real - tal e qual a relação aluno-professor dentro de uma sala de aula tradicional.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo tem natureza qualitativa baseado em bibliografias alinhadas à temática geral e que também apresenta caráter descritivo, tal como observa Michel (2009, p. 44) ao que “se propõe a verificar e explicar problemas, fatos ou fenômenos da vida real, com precisão possível, observando e fazendo relações, conexões, à luz da influência que o ambiente exerce sobre eles”. Não obstante, também é importante esclarecer que nosso intuito não é o de criticar o ensino não presencial, ressaltando - como dito antes - que tomamos o mesmo para análise como uma das medidas para justamente contemplar

a educação dentro de possibilidades tecnológicas respeitando as normas sanitárias e a segurança dos atores acadêmicos e escolares.

O DESAFIO NA MIGRAÇÃO PARA O FORMATO NÃO PRESENCIAL

Numa cultura onde a aprendizagem há muito já se faz através do predominante ensino presencial - como no cenário brasileiro - fica evidente o quanto um “estranho” ensino não presencial poderá gerar desafios de execução, adaptação e, até, de aceitação para os atores deste meio, conforme Gomes (2013) já observava em seu estudo sobre as perspectivas do EAD no Brasil. Agora, dadas as medidas emergenciais no contexto de pandemia, nossa sociedade percorre uma ostensiva migração para este formato que, por isso, novamente traz à tona estes desafios, não apenas para o EAD, dessa vez (já consideravelmente estabelecido), mas para o ensino remoto, também.

Pontualmente, retomamos o estudo de caso feito por Bittencourt e Mercado (2012) sobre as dificuldades mais recorrentes a se tratar nas formas não presenciais de ensino e estabelecemos uma relação para o EAD e para o ERE: a evasão dos alunos às aulas, ou sua possível desmotivação perante essas dinâmicas por não compreenderem de mesmo peso ou construção profissional que teria um curso presencial é o principal desafio à sistemática do ensino não presencial. Foi sentido pelos gestores EAD quando esta modalidade chegou digitalmente no Brasil, e é agora também sentido pelos professores tradicionais “realocados” ao ERE.

Isto ocorre pois, enquanto o EAD até pode permitir aos alunos uma certa “flexibilização” de presença devido aos conteúdos poderem ser acessados mais livremente de acordo com seus horários (como visto anteriormente), será esta uma realidade bastante crítica aos alunos do ensino remoto, já que nele o cronograma e os horários letivos seguem correndo normal-digitalmente, modificados apenas pela condição do distanciamento social. Desse modo, cada aula evazada pelos alunos é um prejuízo letivo tanto para eles quanto para os professores que estão *online* para ministrá-las e para dar andamento no currículo letivo.

Por conseguinte, acrescentamos na discussão deste tópico que a resposta de ação do aluno é fator fundamental no andamento do ERE, tal como é no EAD. Apesar de imprescindíveis, não são suficientes apenas as inovações e estratégias do gestor/professor remoto ou à distância se os próprios alunos não estiverem receptivos às mesmas, conforme Capeletti (2014, p. 8) quando fala que, justamente, para eles o desafio “é o da autonomia e disciplina em realizar seus estudos” inferindo que o formato não presencial “para alunos que não possuem estes atributos, [...] pode se tornar acumulativo e sem aprendizado, pois torna-se apenas cumpridor de tarefas e datas, sem aprendizado”. Não obstante, autores mais recentes que seguem na mesma linha, em defesa do EAD, também pontuam a autodisciplina do aluno como fator necessário para a execução do modelo, ao que novamente relacionamos de equivalência às dinâmicas do ERE:

Muitos alunos também podem apresentar dificuldades em conduzir o seu tempo disponível para os estudos das aulas à distância [...] porque a grande maioria não consegue ter disciplina em seu tempo disponível para realizar o curso, isso faz com que a evasão aumente, sendo necessária a criação de um hábito para esse tipo de ensino, onde o próprio aluno saiba organizar o seu tempo (ARTIGAS, 2017, p. 24398).

Por essa razão, podemos concluir que a evasão dos alunos nas aulas - ocasionada por esse desinteresse pessoal - é o principal desafio a se tratar dentro do ensino remoto, tal como há muito tempo já vêm se mostrando no EAD - o que configura a dificuldade sistêmica do ensino não presencial. Ademais, acrescentamos que é incorreto teorizar que o ensino remoto como medida emergencial seja exclusivamente prejudicial ao andamento letivo devido às mudanças de paradigma tecnológicas às quais os novos “professores remotos” não estão totalmente acostumados ou desenvolvidos. Esta afirmação colocaria uma carga de responsabilidade apenas sobre os docentes quando - em realidade - deve ser totalmente compreendida como mútua aos discentes, também. Mas o que isso quer dizer?

Ora, Vilarinho e Paro (2011) apontam que um caminho para tratar da evasão às aulas é garantindo o engajamento e a motivação dos alunos às metodologias não presenciais, pois isso cria neles uma segurança e autonomia em atividades à distância. Desse modo, os alunos compreendem sua importância e necessidade dentro da jornada de aprendizagem tal como seria em qualquer outro modelo de ensino. Por isso, concordamos cabe aos professores, neste formato, apropriar-se da tecnologia e diversificar as formas de abordar o conteúdo; mas a resposta, no entanto, cabe plenamente aos estudantes, e deve vir com sua disciplina, autonomia e responsabilidade de seguirem tais propostas.

TICs: MULTIFORMATOS COMO POSSIBILIDADES

Compreendidos os desafios em pauta pela migração ao ensino não presencial, adentramos no presente tópico e analisamos o outro lado do panorama “educação em tempos de pandemia” levantado na metodologia deste trabalho: as possibilidades surgidas através dos multiformatos das Tecnologias da Informação e da Comunicação - ou, partindo do tópico anterior - um porquê aos docentes em se apropriarem destas ferramentas como aliadas para diversificar o ensino e combater às taxas de evasão nos modelos não presenciais conquistando a motivação dos alunos.

Esta proposta, então, começa pelo o início da década passada, quando a internet se estabelecia no Brasil como uma nova forma de comunicação que deu origem à chamada Era Digital - onde surgiram as primeiras formas do ensino não presencial para a nossa realidade. Frente às possibilidades comunicacionais, Gomes (2003, p. 138) já observava que “torna-se facilmente compreensível [...] analisar e compreender a importância que a evolução tecnológica tem tido no desenvolvimento da educação a distância”. A autora reconhece que o ensino não presencial se mostra como uma boa alternativa aos docentes para explorar recursos tecnológicos e multimidiáticos à fim de implementá-los nas atividades à distância. Isso enriquece o conteúdo para os alunos diversificando a forma como é tratado.

Numa reflexão sobre o formato de ensino em questão com o atual cenário pandêmico, a apropriação tecnológica se trata de uma estratégia atemporal utilizada pelo ser humano para se adaptar, evoluir e transformar conforme o panorama - uma realidade que a autora Gabriel (2018, p. 7) bem pontua em sua visão:

Tecnologia e humanidade andam de mãos dadas desde o início da nossa história. O ser humano é uma tecnoespécie: criamos tecnologias e somos transformados por elas, em um ciclo contínuo que tem se retroalimentado durante todo o processo evolutivo da humanidade.

Então, desse contexto elevam-se as Tecnologias da Informação e da Comunicação para intermediar dinamicamente os docentes e discentes no ensino não presencial. Mas afinal, do que se tratam elas? Segundo Oliveira (2015, p. 77) as TICs “consistem de todos os meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar na comunicação”. Em reflexão, o autor as coloca como tais os recursos tecnológicos que integrados (ou não) entre si são capazes de proporcionar por meio de funções (digitais, virtuais, informáticas, etc.) a automação e comunicação nos diferentes processos de ensino e aprendizagem. Ainda para ele, as TICs desempenham um outro papel, como agentes dinamizadoras do ensino - o que se alinha às necessidades docentes de encontro à proposta deste trabalho sobre os desafios que eles enfrentam:

A inserção das TICs no cotidiano escolar anima o desenvolvimento do pensamento crítico criativo e a aprendizagem cooperativa, uma vez que torna possível a realização de atividades interativas. Sem esquecer que também pode contribuir com o estudante a desafiar regras, descobrir novos padrões de relações, improvisar e até adicionar novos detalhes a outros trabalhos tornando-os assim inovados e diferenciados [...] proporcionam que os alunos construam seus saberes a partir da comunicabilidade e interações com um mundo de pluralidades, no qual não há limitações geográficas, culturais e a troca de conhecimentos e experiências é constante (OLIVEIRA, 2015, p. 80).

De seguimento, para compreender a ideia de seus multiformatos como recursos e possibilidades ao ensino, Almeida (2019) descreve que as TICs são diversas. Dentro dos campos de *hardware* e *software*, podem ser as telecomunicações, os recursos imagéticos, audiovisuais, aparelhos desktop ou mobiles, aplicativos e ferramentas digitais diversas; E dentro da internet, as TICs são ainda mais amplas: e-mails e mensageiros, web chats, plataformas de vídeo e teleconferência, ambientes virtuais, serviços de nuvem e quaisquer outros recursos online que seguem construtivamente a ideia de informação com comunicação, e que podem ser utilizados pelos alunos e docentes.

Dito isso, sua efetividade pode ser essencialmente percebida em cenários que dependem da tecnologia. Farias (2013, p. 7) aponta que as TICs se configuram como “um conjunto de recursos tecnológicos, os quais permitem maior facilidade no acesso e disseminação de informações”, exatamente a necessidade que se vivencia durante a migração para o ensino não presencial. E não obstante, Marasca *et al.* (2020, p. 5) reconhecem que seu uso “amplia as possibilidades de atuação profissional e auxilia no desenvolvimento de estratégias para enfrentar os possíveis obstáculos da prática” - como as

dificuldades levantadas anteriormente. Então, conforme levantadas as dificuldades sistêmicas desse formato, as TICs podem viabilizar ou auxiliar na reconfiguração metodológica para os atores acadêmicos “realocados” do ensino tradicional já que seu uso, “como ferramenta de mediação pedagógica supõe uma releitura das estratégias previamente pensadas para a relação professor/aluno em sala de aula presencial” (NONATO, 2007, p. 8).

Vieira (2011, p. 67) afirma que “as TICs configuram-se como elementos norteadores da aprendizagem, potencializando a integração entre os sujeitos envolvidos e o conhecimento desejado” inferindo que seu uso no ensino não presencial se faz relevante por essa “integração” não ocorrer da mesma forma que numa sala de aula tradicional, onde existe a interação direta com colegas e professores. Assim, se na própria sala de aula os recursos tecnológicos já são fundamentais para o alcance da afetividade ao ensino pelos estudantes, Marcondes e Degaspéri (2014) apontam que também são - ainda mais - num modelo não presencial, onde o processo de aprendizagem é uma atividade geralmente solitária e individual, mediada pela máquina ou plataforma de acesso.

Enfim, para concluir todo este pensamento, destacamos novamente Oliveira (2015, p. 78) quando diz que “as TICs possibilitam a adequação do contexto [...]”. Da fala do autor, compreendemos que essas tecnologias igualmente exercem sua função de possibilitar o aprendizado adequando-se ao contexto fora da sala de aula comum exatamente como em nossa atual situação, ao que, por fim, respondemos nossa visão sobre possibilidades nos multiformatos das TICs indicando o seu papel de viabilizadoras do ensino e aprendizagem em tempos de pandemia quando aliadas aos modelos de ensino não presencial levantados anteriormente, seja pelo tradicional EAD ou pela medida de Ensino Remoto Emergencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pela reflexão de todo este estudo que concluímos a realidade do modelo de ensino não presencial apresentar os mesmos desafios entre suas formas EAD e ERE, mas não sendo exclusivos de grupos específicos dos atores acadêmicos: nem só de alunos, nem só de professores. É preciso que, da mesma forma como o gestor (professor) saiba sensibilizar os alunos às mudanças impostas pelo panorama do Covid-2019, estes também estejam dispostos a cumprir as obrigações de tal realidade, respeitando as responsabilidades de propostas, horários e frequência para que as taxas de evasão não sejam relacionadas ao sistema não presencial como o defeito comprometedor e predominante, mas como um fator apenas, que pode ser trabalhado positivamente pelos recursos tecnológicos e multimidiáticos das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Destas, por sua vez, resgatamos o seu conceito que já é incorporado nos sistemas tradicionais do ensino basicamente desde o início da Era Digital para, então, reafirmarmos sua importância desempenhada no atual cenário da pandemia. Conforme o meio educacional e a maioria das nossas

outras estruturas sociais se modificam para serem exercidas à distância, são necessitadas as metodologias e os recursos provenientes das TICs para viabilizar esse intermédio aos estudantes das Instituições de Ensino que optaram por manter suas atividades remotamente. É o exposto que completa nossa análise sobre os dois lados da situação: enquanto os modelos de ensino não presencial apresentam seus desafios, as TICs se apresentam como possibilidades e alternativas para trabalhar a situação.

Este foi um trabalho de viés analítico e construtivista, sendo importante esclarecer, novamente, que nosso intuito não foi em nenhum momento o de criticar o ensino em formato não presencial pois, propriamente, o reconhecemos como uma alternativa positiva e que busca beneficentemente contemplar a educação sem desprezar as medidas sanitárias e a segurança acadêmica e escolar. Para embasá-lo teoricamente, de inicialmente tomamos a visão de Moreira e Kramer (2007)⁴ relacionando-a com a análise da mudança desse paradigma já vigente no ensino como uma realidade bilateral: apresentando desafios a serem superados tanto quanto novas possibilidades para serem exploradas. E, considerando o amplo leque dos multiformatos e tecnologias que podem ser utilizados para diversificar o formato não presencial, enxergamos - além dos desafios - as possibilidades para inovação e ressignificação do aprendizado nesse momento.

Por fim, conforme Pimentel *et al.* (2020, p. 292) “compreendemos que, acima de tudo, estamos num momento mundial de aprendizagem coletiva, onde o universo educacional, em todos os níveis, precisa se redescobrir, buscando compreender os limites impostos pela pandemia”. Partindo disso, tal como proposto por este trabalho, fornecemos uma visão geral sobre a educação em tempos de pandemia onde inferimos que as mudanças de paradigma na sociedade se alavancam - principalmente - em decorrência das medidas de distanciamento social, onde membros e atores de todos os setores enxergam a necessidade de se adaptar e contornar as adversidades com as ferramentas e tecnologias que dispõem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H. **Mas afinal de contas, o que é TICs?** Easytics. Disponível em: <https://bit.ly/2LLRaHM>. Acesso em: 20 set. 2020.

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

⁵ Trabalho em que as autoras estudaram o papel e os impactos da tecnologia no cenário educacional como um fenômeno bilateral de desafios e possibilidades.

ARTIGAS, N. A. S. Análise documental das dificuldades apresentadas no ensino de educação à distância. **EDUCERE** - XIV Congresso Nacional de Educação, 2017.

BITTENCOURT, I. M.; MERCADO, L. P. L. Evasão nos cursos na modalidade de educação a distância: estudo de caso do Curso Piloto de Administração da UFAL/UAB. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**, v. 22, n. 83, p. 465-504, 2014.

BRASIL. **Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005**. Regulamenta o artigo 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 2005.

CAPELETTI, A. M. Ensino a distância. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, p. 30-45, 2014.

DAVIES, L.; BENTROVATO, D. **Understanding education's role in fragility**: synthesis of four situational analyses of education and fragility: Afghanistan, Bosnia and Herzegovina, Cambodia, Liberia. International institute for educational planning. UNESCO, 2011.

FALAUNIVERSIDADES. **Universidades**: em 2023, Brasil terá mais alunos de EAD do que em cursos presenciais. Disponível em: <https://bit.ly/2N7j4i7>. Acesso em 03 maio 2020.

FARIA, A. A.; SALVADORI, A. A educação a distância e seu movimento histórico no Brasil. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 8, n. 1, 2010.

FARIAS, H. S. de. O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. **Espaço e Economia - Revista brasileira de geografia econômica**, ano 9, n. 17, p. 1-12, 2020.

FARIAS, S. C. **Os benefícios das tecnologias de informação e comunicação (tic) no processo de educação a distância (ead)**. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 11, n. 3, p. 15-29, 2013.

FEDERAL, D. **Decreto nº 40.520, de 14 de março de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências. Diário Oficial do Distrito Federal, v. 14, 2020.

FILHO, A. B. **Comunicação e covid-19**. Capitalismo e a Covid-19/organizadores: Daniel Castro, Danilo Dal Seno, Marcio Pochmann.-São Paulo: 2020. 1 v.: gráfs., tabs. Inclui bibliografia., p. 47.

GABRIEL, M. **Você, eu e os robôs**: pequeno manual do mundo digital. São Paulo: Atlas, 2018.

GOMES, Luiz Fernando. EAD no Brasil: perspectivas e desafios. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 18, n. 1, p. 13-22, 2013.

GOMES, M. J. Gerações de Inovação Tecnológica no Ensino a Distância. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, v. 16, n. 1, p. 137-156, 2003.

GONZATTO, M. *et al.* Mudanças de comportamento, na economia e no trabalho: como as pandemias transformam o mundo. **GaúchaZH**, Porto Alegre, p. 01-04, 20/mar./2020.

JOYE, C.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e521974299-e521974299, 2020.

LEAL, B. **Pedagoga explica diferença entre ensino remoto e EAD**. Uninassau, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/39uVgfH>. Acesso em 26/08/2020

MARASCA, Al. *et al.* **Avaliação Psicológica On-line**: considerações a partir da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) para a prática e o ensino no contexto à distância. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3nHh9xf>. Acesso em 31/05/2020 às 16:20

MARCONDES, L. N. L.; DEGÁSPERI, A. A afetividade como instrumento no EAD. **Revista Paidéi@-Revista Científica de Educação a Distância**, v. 6, n. 10, 2014.

MENDONÇA, B. **Como funciona uma sala de aula virtual?** Edools, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3bBQLmd>. Acesso em 11/09/2012.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MILL, D.; BRITO, N. D.; SILVA, A. R. Sala de aula virtual: novos lugares e novas durações para o ensinar e o aprender na contemporaneidade. **Educação e cultura midiática**, v. 1, p. 169-192, 2012.

MORAN, J. M. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line**. São Paulo: USP, 2007.

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1037-1057, 2007.

MOREIRA, J. A.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. M. V. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, p. 351-364, 2020.

NONATO, E. R. S. **EAD, TIC e Internet: ainda estranhas à escola**. In: 13º Congresso Internacional de Educação a Distância. 2007.

OLIVEIRA, A. F. P. *et al.* Educação a Distância no mundo e no Brasil. **Educação Pública**, v. 19, n. 17, 20 de agosto de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3qlkkwh>. Acesso em 24/08/2020 às 19h.

OLIVEIRA, C. de. TIC'S na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno. **Pedagogia em Ação**, v. 7, n. 1, 2015.

OLIVEIRA, B. **Como surgiram os cursos de ensino a distância no Brasil e no mundo?** Cathoedu, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3qgauf2>. Acesso em 05/09/2020 às 19h.

PIMENTEL, F. S. C. *et al.* Atividades na pós-graduação utilizando as ferramentas digitais no contexto da crise da covid 19: análise qualitativa descritiva. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 276-293, 2020.

RABELLO, M. E. **Lições do coronavírus: ensino remoto emergencial não é EAD**. Desafios da Educação, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3ss0eSP>. Acesso em 06/10/2020, às 16:00

RODRIGUES, E. **Ensino remoto na Educação Superior: desafio e conquistas em tempos de pandemia**. Disponível em: <https://bit.ly/3ssGwqn>. Acesso em 06/10/2020, às 15:50.

ROSENVALD, N. *et al.* **Coronavírus e responsabilidade civil: Impactos contratuais e extracontratuais**. Indaiatuba, SP: Foco, 2020.

UNITAU. **Notícias: entenda a diferença entre aula remota e aula ead**. Disponível em: <https://bit.ly/35Gpmfc>. Acesso em 22/05/2020 às 17:10.

VIEIRA, R. S. O Papel das tecnologias da informação e comunicação na educação a distância: um estudo sobre a percepção do professor/tutor. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 10, 2011.

VILAÇA, M. L. C. Educação a distância e tecnologias: conceitos, termos e um pouco de história. **Revista Magistro**, v. 2, n. 2, 2010.

VILARINHO, L. R. G.; PARO, E. M. Evasão de alunos na educação superior a distância: a experiência do módulo de acolhimento. **Voces y Silencios**, v. 2, n. 2, p. 139-155, 2011.

